

# NO PINTCHA

## KUSSUNDÉ

## Pidjiguiti na literatura e nas Artes (págs. 3 e 4)

### A festa de virilidade



→ Ler a reportagem nas centrais



Cacheu de ontem e de hoje

**A resistência popular e a origem do crioulo** (VER CENTRAIS)

**PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA PARA Odysseus Elytis**  
(Pág. 8)

**Para saudar Alda Espírito Santo**  
por Mário de Andrade (pág-8)

### Editorial

QUANDO um país, um país como a Guiné-Bissau, aprendeu a viver (lutando) antes mesmo de ser independente, de ter uma bandeira flutuante a toda a largura do seu território nacional, de ter um representante permanente nas Nações Unidas e em vários pontos do globo, esse país, naturalmente, nunca desiste de procurar soluções para os seus problemas mais sérios e mais fundos. E essa procura o país tem de fazê-la com o pensamento naquilo que os seus dirigentes aprenderam antes de haver bandeira desfraldada em todos os altos, hino nacional entoado em toda a parte e lugar a tempo inteiro nas bancadas da ONU.

Com estas considerações iniciamos uma breve reflexão sobre o carácter dos Centros de Educação Popular Integrada, os CEPI's, que, numa primeira análise, têm ao seu alcance a possibilidade de levar, para a frente, com resultados satisfatórios, as tarefas que hão de conduzir à criação autêntica da unidade cultural guineense. A unidade moral, existe. A cultura real da Guiné-Bissau caminha para o seu modelo de expressão unitária, mas o caminho apresenta-se marcado, como todos sabemos, por uma série de imponderáveis e obstáculos representados pela grande dispersão dos valores das etnias. Juntar esses valores, reunir todas as peças desse mundo de pessoas e culturas, é a tarefa maior, certamente das mais

sérias que o nosso país e o nosso povo encontram pela frente nos dias que correm. E quando se explica a natureza, o carácter dos CEPI's, fácil é imaginar o que eles poderão realmente fazer. Eles prefiguram com clareza a nova escola na Guiné-Bissau. A escola de que o país e os alunos precisam no sentido dessa unidade cultural. Uma escola que, como referiu o presidente do Conselho de Estado, esteja ligada ao país real, que ligue, por sua vez, o aluno às realidades sociais, económicas e culturais da sua terra, uma escola aberta e participada, «onde os fulas não sejam indefinidamente fulas, onde os balantas não sejam indefinidamente balantas, onde os manjacos não sejam indefinidamente manjacos». Uma escola que coloque no mesmo traçado essas culturas, valorizando-as em si, é verdade, mas dando prioridade ao triunfo e à clarificação da estrutura colectiva, da unidade cultural.

Essa escola, com pulmões, ideias, substância e maneiras de escola nova, evidencia-se já nos Centros de Educação Popular Integrada (CEPI's), surgindo aos nossos olhos como ponto de partida para uma nova afirmação da capacidade guineense perante os problemas de envergadura. Escola nova que, aconselhando métodos mais adequados aos problemas que vivemos, é afinal, na essência, a recuperação prática e actualizada, digamos, de

tudo o caderno de vivências da luta armada, que nas zonas libertadas implantou escolas cujas programação apontava já para um constante relevo das nossas realidades socio-culturais e económicas. Com efeito, os Centros de Educação Popular Integrada vêm hoje consagrar as práticas e os ensinamentos da luta, actualizam e reivindicam as preocupações intelectuais do fundador da nacionalidade em relação ao ensino, em relação aos homens do futuro neste país. Deseja-se, pois, por todas as razões, que a nova escola, entre nós, guineenses, mergulhe de facto raízes muito fundas na nossa vida quotidiana e mereça de todos nós, a título individual ou colectivo, uma reflexão apropriada. Escola nova, sim, ajudando o aluno a situar-se naquilo que é realmente seu, a dar valor ao seu meio geográfico, a compreender que somos um país rural e que isso, longe de ser um fatalismo doentio é, sim, apenas um destino ou uma condição, e a entender, também, essa nova forma de ensino que lhe é proporcionada a partir do seu próprio direito de intervir nos programas da escola, na elaboração das suas próprias matérias de estudo.

Essa é e será também a escola onde a própria comunidade sinta que existe e faça ouvir a sua voz e faça projectar a sua imaginação e as suas convicções, com a autoridade que vem da sua experiência e da sua constante generosidade.

# Trabalhos Premiados nos jogos F

## Elegia a Pidjiguiti (2.º Prémio)

## Os Heróis re

Agosto, pleno tempo de chuvas; tempo de esperanças e de alegria: os verdejantes e vistosos rebentos de plantas sobre o extenso tapete verde-esperança que cobre os nossos campos, os nossos quintais, a nossa vida; a esperança envolvendo o Homem e a terra, numa terra de lavradores. Sim de lavradores — mesmo nas nossas cidadezinhas, quem não lavra o seu pedacinho de terra (?), quem não se rejubila com as chuvas? Não há nada melhor e mais lindo: também para as aves, as plantas... é a fertilidade, a vida. «Sulen, Sulen, Sulen baba, n'ta dau pano branco», corriamos, brincávamos, então crianças, repetindo a frase pedindo que chovesse cada vez mais e mais. Para nós «meninos» era a vida que ninguém deveria perturbar, a nossa vida; não sabíamos que era necessária outra Vida e que aquela, todavia, não era a melhor, a que merecemos; queria-se a vida com Vida para todos e... para os meninos.

Bem diferente foi o Agosto de 1959; tudo muito rapidamente: cinquenta mortos e mais de uma centena de feridos! Porquê? (má i quê? papá, mamá, n'ná... i quê?), perguntamos, choramos e começamos a compreender que a vida com Vida tinha um grande inimigo: o colonialismo português; a presença dos colonialistas na nossa terra a mandar...

Mais do que reivindicação salarial: firmeza, constância; mais do que um facto passageiro de indígenas revoltados: trabalhadores africanos numa vigorosa manifestação de consciência de seus direitos que transcendia a luta pelo aumento de salários.

Como é possível? perguntavam, no palacete, sem resposta. O medo apoderara-se de «todos»: o peito alto e forte e o semblante carregado dos nossos trabalhadores, a serenidade da nossa população, não obstante a «farromparia» das «forças da ordem», a inocência e a interrogação responsável dos meninos, anunciaram algo novo: souu a hora do colonialismo; ide embora, antes que seja tarde, óh civilizadores; desatracai as vossas «candjineras» (canhoneiras), deslocaís os vossos «djato colo» (aviões a jacto) — basta de abusos, de estranha civilização de chicotes e palmatória... e massacres — é o que se podia ler nos rostos da nossa gente.

Onde está Tchico Té, Domingos Ramos, Nino, Tchutchu, onde? «Nundê no mininus?» As nossas mães, os nossos tios, os nossos pais, sussuravam nas nossas casas, nas esquinas das ruas. Corajosamente perguntavam, baixinho; amedrontados eles, os tugas, prendiam, torturavam, massacravam, punham-nos a cavar as nossas sepulturas para nos matarem... para não morreremos, renascendo minuto a minuto!

Uma vida com Vida começara a ser vivida: «perdidos» e reencontrados nas matas da nossa terra e nas cidadezinhas, a nação começara a construir-se; uma outra Nação...

Assim crescemos — fortes e sadios — na afronta colonial, seguindo de perto, com olhos bem abertos, os nossos irmãos mais velhos que se batiam, duro, nos campos da nossa terra contra a soldadesca colonial; assim cresceram os «mininus de Pindjiguiti».

A onda de nacionalismo produzira já seus frutos, algures com a independência de alguns países africanos; o vigoroso grito de Bandung chegara até nós... e a chama de libertação alastrava-se rapidamente por todos os lados: na Ásia, na América Latina e na nossa África. Assim, Pindjiguiti se enquadra perfeitamente no seu tempo, tempo dos povos; na História aparece identificado e em sincronia com as mais profundas aspirações dos povos — a necessidade e a premência de se libertar do jugo estrangeiro, o que pressupunha a luta, a guerra dos povos contra os «civilizadores» comandados de Paris, Londres, Bruxelas e os «nossos» de Lisboa...

Eis que Pindjiguiti se estende rapidamente pelos nossos campos e cidades, mergulhando, fundo, as suas raízes no chão da nossa terra e projectando-se para o futuro — a mobilização e a luta para a Libertação Nacional; a independência da Guiné e Cabo Verde e a luta para Reconstrução Nacional, para o progresso, Paz e felicidade para os nossos Povos na Unidade.

Pindjiguiti que nunca deixara de estar presente na nossa alma e nos nossos corações, assalta-nos hoje, com uma força e vigor indescritíveis como se o tivéssemos esquecido neste mundo cheio de tentações... O Partido não te esqueceu, Pindjiguiti! Agora não és só tu; Cabral juntou-se a ti; Tchico Té, Domingos Ramos, Osvaldo, Pansau e outros, não para te tornarem menos importante mas, contrariamente, para te tornarem mais jovem, mais vigilante e mais perto de nós!

Agora sim! Agosto, pleno tempo de chuvas; tempo de alegria do Homem e da Natureza, numa terra de lavradores. O Verde esperança que nos envolvia transformou-se no Verde envolvendo-nos na certeza de uma vida feliz; lá no alto da nossa Bandeira, Pindjiguiti, o verde é o Verde da Certeza.

Pacientemente temos contado aos nossos meninos, os meninos de hoje, os nossos Pioneiros, quanto heroísmo demonstraram os teus combatentes! Para que longe de se esquecer o teu exemplo, continues a marcar cada geração de jovens que crescem para serem combatentes do Povo!

Nos campos, nas Fábricas, nas escolas, estás em nós! Te cobriremos, Pindjiguiti, com a nossa Bandeira, a Bandeira do Partido que nos fez Homens, e com os panos «de mindjeres de pano preto» que nunca deixaram de nos encorajar e educar para a Vida na vida.

E, no chão vermelho do teu sangue, como disse o poeta, ergue-se o teu punho de trabalhador em Monumento que o Partido te deu, por ocasião do teu XX.º Aniversário! Djarama, PAIGC!

Parabéns trabalhadores de Obras Públicas! Devéis sentir-vos reconfortados pelo privilégio que tivestes, marcando para as gerações vindouras o chão de Pindjiguiti com o punho da certeza na vitória dos que trabalham!

No espírito de Pindjiguiti, seguiremos em frente em direcção a mais vitórias para os trabalhadores, para o nosso Povo!

Bissau, 31 de Julho de 1979.

RANGUÊ DE BANDÉ

(Fernando Delfim da Silva)

Alfredo sentiu um misto de receio e ansiedade ao instalar-se naquela canoa tao grande, com um motor ruidoso que conseguia abafar a gritaria dos passageiros. Parecia-lhe um dia de festa. Na sua fértil imaginação de adolescente, sentiu-se no centro dos acontecimentos. Afinal, todo aquele cenário era dedicado à sua estreia como «navegador». E para que nada faltasse, nesse início duma viagem inesquecível, lá estava um Sol brilhante, mesmo em cima da sua cabeça, fazendo destacar o verde dos tarrafes da outra margem, salpicados pelas asas brancas de garças irrequietas e barulhentas.

A manivela do motorista entrou em acção, um apito feriu os ares e lá se foi o «Pelicano» a caminho de S. Domingos, deixando atrás a silhueta desolada do Forte de Cacheu. Dois solavancos fortes, ao tomar o rumo, deram-lhe a sensação de que o estômago ia sair-lhe pela boca. A brisa da bar-

ra, generosa, veio depressa em seu auxílio, secando os bagos de suor frio que se tinham juntado à volta das órbitas. Agora, ao penetrarem no braço do rio, donde se avista, à direita, o poilão do Apilho, Alfredo já se sente marinheiro. Uma vocação da família, pois seu pai, Agostinho Gomes, que não chegou a conhecer, lá andava, segundo se dizia, pelos mares do mundo, num vapor português. Ele, Alfredo Gomes, não havia de quebrar essa tradição, custasse o que custasse.

A seu lado, o senhor Werner encheu calmamente o cachimbo e preparou-se para meter conversa com um grupo de funcionários da Agricultura que andava a percorrer o mato, em serviço técnico. Um balanço inesperado ia quase virando o barco. Werner aproveitou logo para explicar ao Sr. Engenheiro o que se passava. O engenheiro chamava-se Cabral. Apesar dos seus 30 anos, parecia mais um es-

tudante do liceu. Dequena estatura, largos ombros, impressionada pela viveza do seu protegido por óculos aros grossos. A testa ampla, a voz sonora, a se autoritária. Vestia calções e camisa de cá e trazia um par de botas pretas, de cano curto; seu lado vinha aespelha pele branca de espelha contrastava agraavelmente com a tez escura do marido. Werner com gestos lentos e precisos, manobrava o leme e conversava sempre. Era aquilo que se pode chamar um bom vaqueador. Contou com a sua vinda parar à Guiné, em plena Grande Guerra. Falou da sua família na velha Alemanha e da família que veio constituir na Guiné, e «tera mavilosa». Sua mulher era caboverdeana, filha de São Nicolau. O senhor engenheiro concia? Que sim, conhecia a ilha mas só de passagem. Quando estudava no Liceu Gil Eanes, zera escala de algumas horas no porto da Pinguia, de passagem por S. Vicente. Werner batia a cabeça, em sinal de sentimento e retomou a conversa, explicando o motivo do balanço do barco. Coisa simples, estreito por onde acabavam de passar era artificial. Como o Suez... De uma gargalhada, como que a desculpar-se, exagêro, da comparação. A verdade é que até alguns anos atrás, nenhuma embarcação, por mais rasa que fosse, conseguia ir de Cacheu a S. Domingos, por esse caminho, porque era rasteiro da por aquela perna da terra. Como não poder deixar de ser, havia «ir naquilo tudo. Um dia, porém, um grupo de jovens resolveu meter mãos à obra, quanto mais fosse para encurtar o caminho às suas aventuras pelas tabancas vizinhança, atrás das lixas bajudas. Não se sabe quem foi o Lesseps, quem dizer, quem planeou os trabalhos. Apareceram pedretas, pás, enxadas, arados. Houve esforço, houve sacrifício durante um exemplo de luta do homem contra a natureza. Houve mortes, isto sim, ninguém sabe quantas, ao galgar da mar. Mas houve vitória também. E hoje cá estamos nós a atravessar o estreito, embora o jogo requer algumas regras. É um questão de prática. Adoquando um pouco à esquerda, dou força ao motor e ala! Pelicano...

Enquanto Werner falava, apertando o cachimbo nos dentes, dois pares de olhos seguiam, avidamente, o movimento dos seus lábios. Dum lado, o eng-

### Pidjiguiti

### Apresentado pela J A A C 1.º prémio poesia

Se palmilhar  
esta senda sulfúrica  
se morrer  
nesta prematura morte  
aprumado  
e  
garbo  
se caindo e erguendo-se  
mil  
vezes  
de  
pé  
gerações crescerão novas  
no estrume das nossas carnes  
e  
noites e madrugadas  
todas  
e  
pedras e ventos e rios  
todos  
no abraço real do movimento da terra  
se converterão nos destinos  
do nosso querer  
Que se eternize  
então  
em linguagem de mármore  
e  
em memória de fogo  
as vidas e esperanças  
que se cruzaram  
firmes  
em ondas de aço e fuzis  
e que germinam  
e se consagram  
na glorificação-operária do nosso canto  
na emergência  
duma Pátria proletária  
neste século  
em que nossos anos não tardam!

# Jogos Florais - xx aniversário do massacre de Pidjiguiti

## gressam (por Quirino Spencer 1.º Prémio)

neiro Cabral, de testa enrugada, o semblante cansado, como se tivesse regressado duma longa jornada. Werner teve consciência do impacto que lhe causara aquela frase vigorosa: «Mas houve vitória também». Num ângulo oposto estava Alfredo, electrizado pelas chispas que lhe pareciam sair dos olhos do engenheiro.

Contornada uma ponta, surgiu S. Domingos, descortinada através duma meia dúzia de telhados vermelhos. Mesmo em frente, quase escondida entre os arbustos da margem, estava uma ponte de cibus, desmantelada e inútil. Em cima da ponte, um grupo de pessoas com o aspecto apático de quem vê um filme pela centésima vez. O «Pelicano», tentando vencer a vazante, ficou varado num banco de areia. Gerou-se uma certa desorientação entre os passageiros, na sua maioria mulheres de seios pendentes, tentando calar a choradeira dos miúdos. Na pressa do desembarque, há um arrastador ruidoso de malas, garrafas de óleo de palma e tralha diversa. Aparecem então dois moços, felupes, de tanga bem apertada nas ancas musculosas, querendo carregar nas costas os passageiros do barco. Foi então que Alfredo distinguiu a voz bem timbrada do engenheiro, dirigindo-se a um dos rapazes: «Eu vou pelos meus pés. Podes carregar as mulheres mas dou-te um conselho. Não consintas nunca em carregar outros homens como tu em cima das tuas costas, a menos que estejam doentes». Dito isso, descalçou as botas e mergulhou os pés na água lodosa que lhe subiu até aos joelhos.

O regresso a Cacheu, ao fim da tarde, só teve como novidade o aparecimento de alguns lagartos, silenciosos, deslizando ao sabor da corrente. Alfredo sentia-se mais amadurecido, como se uma transformação repentina se tivesse operado nele. Apoiado na borda, fez a retrospectiva da sua infância: As correrias à volta da moranga, com os gaiatos da sua idade, os batuques nas noites quentes, o assalto aos ninhos de «catcho-caldéron», depois de passarem os primeiros tornados. Tudo isso já lhe parecia distante. Porém, bem nítida na sua memória estava a saudosa imagem da sua mãe Mpom, que dum dia para outro tinha sucumbido a uma febre maligna. Alfredo ficara algum tempo com os padres italianos, sendo depois acolhido pelo alemão que prometeu mandá-lo à escola.

O tempo passou. Alfredo Gomes é agora 2.º marinheiro da lancha «Cantchungo». Já tem 17 anos de idade, embora pareça ter vinte. Fisicamente bem constituído, sabe ler e escrever, e é ele quem vai à Alfândega e à Capitania tratar dos alvarás de saída.

Nesse dia as chapas do convés estavam escorregadias e as velas, enroladas nos paus, completamente encharcadas pela chuva que caiu durante a noite. Alfredo sentia-se deprimido, como se alguma coisa estivesse para lhe acontecer. Ou seria do sonho que tivera a noite passada? Um autêntico pesadelo... Os marinheiros de todas as lanchas, desfigurados, de pernas enormes, a entrarem pelo rio dentro, cada um levando às costas um branco dos escritórios. À volta deles, correndo como desvaireado, uma figura singular que ele já conhecia de algum lado. Era um homem escuro, enérgico, de fato de caqui, com lunetas que faiscavam. Tentando impedir que os marinheiros avançassem, o indivíduo gritava a plenos pulmões: «Um homem não carrega outro às costas...». Mas ninguém lhe dava atenção. Alfredo acordou, banhado em suor. Tinha o corpo dorido e uma vaga sensação de febre. O almoço, servido no convés, como de costume, foi pouco convidativo. Bagre sibintido com trinca de arroz. O mestre da lancha não tinha aparecido e os restantes marinheiros pareciam cabisbaixos e pouco conversadores.

Terminada a refeição, Alfredo puxou a sua esteira e enrolou-se na manta encarnada, pronto para uma soneca. Despertou bruscamente, ao ouvir uma grande vozearia. Outro pesadelo? Não. Desta vez era mesmo a realidade. Disparos. Mais disparos, mas aquilo não eram tiros de longa. Era carabina de branco. A seu lado apareceu subitamente, banhado em sangue, o Fernando, contra-mestre do batelão Badora. Levou-o para um canto do porão, atirou uma prancha à amurada, em jeito de passarela, e deslizou para a borda do cais por onde já se vinham arrastando outros camaradas, cheios de sangue e lama. Pedro Nunes, Garrafãozinho, Victor e outros, foram transportados, um a um, para o porão do «chaland». Alfredo agia como um autómato, sem ter bem a consciência do que se estava a passar. Carregou, às costas, irmãos feridos, alguns quase moribundos.

A noite já vinha a cair e o tumulto cada vez mais louco. Viu correrem

para o mar, esbaforidos, homens encanecidos e trôpegos, carregadores papéis, marinheiros seminus. Outros, junto ao portão do Pidjiguiti, defendiam ainda o reduto, valendo-se de destroços remos, feteixas enferrujadas, tudo o que lhes viesse à mão. Havia gritos, imprecações, ordens para avançar, enquanto as balas passavam, assobiando,

Quando Alfredo deu conta dum odor estranho e os olhos ardentes a quererem lacrimejar, já os seus feridos se encontravam alojados no pequeno bote, anichado a estibordo da lancha. Com o remo apoiado à forqueta da popa, deu duas zingadas enérgicas e lá foi, à deriva.

Alta madrugada, enlatharam no Ilhéu dos Pássaros. Ali já se encontravam outros marinheiros que conseguiram forças para nadar. Entre eles, intrépido, estava o patrão Ocante.

O mar tinha dado ca-

minho a uns e descanso eterno a outros.

Alfredo e Ocante não piscaram trocar muitas palavras. Depois duma reconfortante bafurada de cachimbo, compreenderam que tinham ainda muito caminho para andar juntos. E também muitos camaradas para carregarem às costas. Aquilo ainda era o começo duma longa caminhada...

Uma coluna de fumo, para os lados de Quínara, parecia acenar-lhes.

Se voltaram a Bissau? Claro que sim. Lá estão eles, ombreando com outros heróis desconhecidos, no alto daquele monumento fronteiriço ao Cais do Pidjiguiti. Ao largo, as lanchas parecem as mesmas de há vinte anos, balouçando pachorentamente. No topo de cada mastro flutua agora uma linda bandeira tricolor, ostentando a Estrela Negra.

### JOGOS FLORAIS — REGULAMENTO

No quadro das comemorações do XX Aniversário do Massacre de Pindjiguiti, a Comissão Nacional Organiza jogos florais, que terão como tema central «O Massacre de Pindjiguiti».

#### REGULAMENTO

1. Todos os temas dos trabalhos deverão versar sobre os factos, antecedentes ou causas do Massacre do Pindjiguiti;

2. Poderão ser apresentados trabalhos nas seguintes modalidades:

##### a) Poesia

Dentro do tema acima anunciado, todos os participantes poderão concorrer com o género de poesia da sua preferência.

##### b) Narrativa, contos ou novela

Pretende-se que os participantes reconstituam em prosa, factos relacionados com o tema.

##### c) Ensaio

Poderão ser apresentados trabalhos sobre a influência do Massacre de Pindjiguiti na nossa sociedade, no aspecto político, económico, social, cultural, etc.

##### d) Desenho e Pintura

3. Os trabalhos da modalidade b) deverão ter um máximo de 10 páginas e o da modalidade c), 40 páginas, dactilografadas. As dimensões dos desenhos e pinturas serão segundo o critério dos artistas.

4. Os trabalhos escritos deverão ser entregues num envelope fechado que terá para além do trabalho assinado com pseudónimo, um outro envelope pequeno mencionando dentro o pseudónimo o nome do autor.

5. O júri será composto por representantes da Juventude Africana Amílcar Cabral, CEIC, CEEN e Direcção-Geral de Artesanato.

6. Os prémios dos Jogos Florais serão os seguintes, (sendo vinte por cento do valor em livros):

Concurso A,B,C: 1.º prémio..... 8.000,00 PG  
2.º Prémio..... 4.000,00 PG  
3.º prémio..... 2.450,00 PG  
Concurso D: 1.º Prémio..... 8.000,00 PG  
2.º Prémio..... 4.000,00 PG

7. O Júri poderá não atribuir algum dos prémios se considerar que nenhum dos trabalhos têm o nível necessário.

8. Todos os trabalhos deverão ser entregues até ao dia 20 de Julho de 1979, na Direcção-Geral da Cultura (Palácio Novo).

9. Os trabalhos literários concorrentes aos Jogos Florais serão editados.



«As mulheres apuraram silenciosamente um choro mudo — choro proibido, contido no fundo da alma» — disse o poeta.

### A história dos Marinheiros (3.º prémio)

Reunidos à volta da fogueira estavam o velho Ocante e muitos meninos da moranga, aquecidos e ouvindo as histórias dos seus homens grandes.

Filhos de marinheiros alguns, sabiam que havia uma história que se relacionava com a vida dos seus pais ou parentes marinheiros.

Falava-se no 3 de Agosto e as comemorações estavam sendo anunciadas no Nô Pintcha e na Rádio.

O Cumbito, o mais novito de olhos vivos e pronto para ouvir histórias, pediu ao tio Ocante que lhe contasse essa história, que não é esquecida na nossa terra.

«Oh! Esse dia foi terrível, foi triste, mas deixou-nos certos de que não somos covardes e que podemos enfrentar o nosso inimigo — afirmou o velho Ocante.

A vida do marinheiro era miserável, pois só tínhamos um pouco de arroz e azeite vermelho, para matarmos a fome e o trabalho era duro. Mosquito, fome, maus tratos e um fraco salário era o nosso destino.

Mas a canseira já tinha atingido o seu climax. Era preciso reagir! Era preciso manifestar o nosso descontentamento e reivindicar os nossos direitos.

Nas vésperas tínhamos tido uma reunião com o nosso grande amigo Camarada Amílcar Cabral, que nos ia ensinando e abrindo os olhos para um mundo novo, que desconhecíamos, e o tuga sabia que a reacção dos marinheiros era o fruto do trabalho do nosso Partido.

O pedido de aumento de salário teve como resposta tiros, resposta típica de quem não tem razão.

Mas, meninos, digo-vos, não houve nem medo, nem desanimo! Sem armas, sem defesa e com um inimigo implacável, debaixo de tiros, os marinheiros resistavam com remos, varapaus, como reacção à terna afronta.

Cairam, morreram, mas deixaram os tugas apreensivos e certos de que a luta tinha começado nessa dia e que nenhum filho da nossa terra, ficaria indefeiente ao que se passou.

Mesmo nesse dia, enquanto os marinheiros morriam com as balas inimigas, nasciam os melhores combatentes da nossa luta de libertação.

Foi aí que os jovens tomaram consciência de que se estava passando na nossa terra.

É por isso que 3 de Agosto e Pindjiguiti permanecerá na memória de todo e bom filho da Guiné Cabo-Verde».

Levantou-se no meio da miudagem o pequeno Cumbito e gritou:

Viva o nosso povo valente!

E com uma salva de palmas terminaram a história e no pensamento das crianças ficou uma certeza de que eles têm um exemplo a seguir!

# KUSSUNDÉ—A festa balanta de vir

Nem tudo são canseiras ou problemas difíceis de resolver. Durante a nossa curta estadia em Catió e nas tabancas vizinhas pudemos ver (a equipa Educação-Informação) como os camaradas responsáveis, os professores e a população em geral aliam o duro trabalho, na nova frente de luta da reconstrução nacional, à alegria.

Com os camponeses das tabancas de Mato Farroba e Gantónia, estivemos numa festa balanta — o Kussundé. Jovens das duas tabancas disputaram em renhida competição, a favor dos aplausos e das presenças, com danças, cantigas em coro, máscaras rituais, homens em cima de andas e de cavalos feitos com palha de arroz e cobertos com vistosos panos, serpentes, tambores, gritos, assobios, apitos.

Isto durou três dias e três noites, com festas diferentes umas das outras. No primeiro dia foi a «festa de pó». Na tabanca dois cantores disputaram durante cinco horas tendo saído vencedor o mais velho, não por saber cantar melhor mas porque tem mais expe-

riência de vida no dia a dia. «É mais macho» — como disseram as jovens mulheres que estavam presentes.

O segundo dia foi caracterizado pela dança, cantigas e desfile dos N'ghaés (rapazes que ainda não foram ao fanado). O terceiro dia foi reservado às mulheres que, sentadas no chão convidavam a população a assistir, através dos seus cantos, palmas e um pé de dança de vez em quando.

Kussundé — festa da sementeira, pois é realizada todos os anos no tempo das primeiras chuvas — festa também da virilidade e de afirmação masculina, pois são os jovens que passam a homem adulto quem nelas participa, ou pelo menos são eles que dançam durante a maior parte da festa.

A alegria, a brincadeira reinou a valer durante os três dias. A maior parte do gado, galinhas, porcos e patos foram guardados para os dias da grande festa da tabanca. Nesses dias comeu-se e bebeu-se bem. Todos ficaram animados. As mulheres puseram os seus vestidos e panos mais vistosos e co-

loridos e desceram para o local escolhido para a festa.

As competições não tiveram júri formado. A presença e os aplausos da população e dos visitan-

tes é que contou. O grupo que tiver mais gente e onde gerar a maior animação é que vence. Os vencedores passam a ser considerados mais «machos». O que nos chamou

mais atenção na roda foi um pedaço de pano com vários nós colocados por cima de uma fogueira. Quando perguntamos o que significa isso, disseram-nos que serve para

amarrar os jovens do grupo adversário. «Quando o fogo se aproxima de um dos nós o jovem fica com o peito quente e não pode dançar mais». Pedimos este mesinho.



A força da expressão cultural de um povo, é exibida neste número do «Ballet» Nacional «Esta é a nossa Pátria Amada».

## Notas sobre o crioulo — A propósito de

O nosso artigo sobre a «Valorização do crioulo» publicado no passado dia 3 de Julho, no suplemento cultural não agradou a todos. A testemunhar a afirmação recebemos uma carta da escritora Caboverdeana Yolanda Morazzo criticando aquilo que considera de demagogia e oportunismo em matéria de linguística. Passaremos a referenciar algumas observações da referida carta (demasiado longo para ser publicada) com os nossos comentários.

A polémica abre-se com o facto da escritora, actualmente residente em Luanda, contestar a nossa explicação da origem do crioulo, dando como exemplo a trajectória de um verbo. Escolhemos ao acaso o verbo «MISTI», dizendo que tinha a mesma grafia, mas que se pronunciava de forma diferente em Bissau e em S. Tiago, mas que em S. Vicente já se dizia «Crê». Apesar de não negar esta realidade fomos informados de que também se dizia «Mestê» em S. Vicente o que não altera a nos-

sa explicação e muito menos a põe em causa. No entanto Yolanda considera estas e outras afirmações de «posições tendenciosas e demagógicas que bastantes vezes tenho vindo a verificar na apreciação do crioulo de Cabo Verde» (sic.). Crioulo que mais adiante chamará de S. Vicente, logo a seguir da Guiné, mostrando que afinal não se trata de uma só língua com vários dialectos, mas (na concepção da escritora) de várias línguas conforme as regiões geográficas da Guiné ou Cabo Verde.

Continuando a análise das contestações a escritora refere-se mais adiante à palavra «orlodju» (relógio) que nós apresentamos como não pertencendo ao «padrão lexical do português». Pois Yolanda Morazzo afirma que a palavra está próxima do vocábulo latino. Nós sabemos que a palavra «horologium» é grega, mas mesmo que a derivação fosse de origem latina, latim não é português e nós só afirmamos que não é do padrão lexical do português, onde se diz, também por

derivação, «relógio».

Passamos a citar um parágrafo da carta em questão: «Ao contrário do que se diz (no nosso artigo) o crioulo nunca foi desprezado porque toda a gente, desde o intelectual mais profundo até ao simples homem de rua sempre falou o crioulo livremente e era factor de ordem corrente os filhos dos metropolitanos chegados às ilhas assimilarem o crioulo e falarem-no tão bem como qualquer de nós, filhos da terra. O que acontecia era que a língua oficial era o português como era o francês nas colónias francesas e o inglês nas inglesas» (sic.)

Nós nunca dissemos que o crioulo não se falava pela maioria dos caboverdeanos e guineenses, apesar de não sabermos avaliar a profundidade dos intelectuais ou distinguir as simples pessoas de rua, das outras. O que esclarecemos é que o desprezo era ao nível do desenvolvimento da língua. O português era língua oficial e de assimilação, estamos de a-

cordo. Parece no entanto que a escritora acha isto normal e é aí que estamos em total desacordo. Porque não se desenvolveu a escrita do crioulo e não aprendíamos a ler e a escrever na nossa língua? Porque não interveio o governo colonial, aos tais da Metrópole (termo que fazia parte do léxico do assimilado) que desenvolvessem uma língua africana. fala-nos a autora de «autenticidade caboverdeana». Decerto não é com estas afirmações que se mostra engajada na propaganda autêntica.

Yolanda Morazzo também não está de acordo com a nossa tese de que o sistema expressivo do português não corresponde à estrutura mental africano, «pelo menos» que se refere a Cabo Verde». Não vamos discutir estes factos comprovados já por dezenas de especialistas, alguns dos quais reunidos no Seminário sobre o Crioulo, realizado em Abril passado em Mindelo e que esteve sob a direcção de origem do nosso anter-



Com olhos fixos na «daria» enrolada ao feixe e com o pensamento distante, a flutuar em realizações que o espera nos campos de lavoura, o homem do campo remexe com as mãos, num dedilhar descontraído, sobre molhos de palha com que se abriga das gotas (primeiras)... gotas (muitas) de chuva. Gotas de verduras dos campos que na sua mente se transformam em esperanças de uma colheita com fartura. Este ano as gotas, mesquinhas, estão no fim. E o que delas espera o homem do campo?

## dade

mouro da tabarica».

Os «lantindans», aqueles que já foram ao fando, com os seus barretes vermelhos para os diferenciarem dos outros, não participam na festa. Olham simplesmente ou imitavam os jovens da sua aldeia para dançar melhor e cantar mais alto ou metiam-se nas casas para molhar a garganta com o pingo de vinho. As crianças de olhos expressivos estavam também na roda e dançavam com os seus pés pequenitos. Daqui a alguns anos serão também os responsáveis por essa festa. É preciso começar cedo e ir aprendendo porque, o kussundé tem que continuar como festa dos balantas. Ela faz parte da cultura do povo balanta e de todo o povo da República da Guiné-Bissau, e se faz parte da nossa cultura, não pode ser destruída.

O camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do Partido dizia, no relatório do CSL apresentado ao III Congresso do PAIGC que, «a cultura ocupa um lugar de primeiro plano na fase histórica que atravessamos, caracterizada pela obra de Reconstrução Nacional e de desenvolvimento. É evidente que o fundamento e a dinâmica deste processo libertador residem, antes de mais, na salvaguarda da nossa identidade cultural».

Nesta festa responderam, com simplicidade, os camponeses, sobre a maneira de encarar de frente o trabalho duro e de no dia-a-dia e não perder a necessária dose de alegria.

Eles aprenderam a renovar a vida, a descobrir as diferenças, na alegria dos campos onde germinam as sementes de um futuro de paz e de progresso.

## uma carta

artigo sobre esta temática. Como também não perderemos o nosso tempo a comentar as afirmações de que todo o povo caboverdeano é bilingue (expressando-se em crioulo e português) quando o seminário concluiu exactamente o contrário. E muito menos comentaríamos os extractos da sua carta que fazem um louvor aos portugueses e aos romanos que os conquistaram há muitos e muitos séculos atrás, por ter sido a sua «civilização» que nos colonizou. Se assim o fizéssemos correríamos o risco de ter de louvar o colonialismo português e isso seguramente é o que não queremos fazer. Porém, há afirmações que não devemos deixar passar em branco para que fiquem bem claras as nossas ideias. Citemos de novo controversa missiva: «... já o grande filólogo e homem de letras que é Baltazar Lopes e o Imortal Amílcar disseram tudo o que havia a dizer. O resto é puerilidade e jogo oportunístico, segundo a opinião deste grande líder infelizmente morto cedo demais para nós. (...) Seria útil para nós se de tempos em tempos lês-

semos o livro de Amílcar, «Unidade e Luta» e nos detivéssemos meditando nas páginas de 213 a 217». (sic.).

Parece-nos que Yolanda Morazzo foi longe demais. Que chame de jogo oportunístico tudo que se fizer depois de Baltazar Lopes e Amílcar Cabral é chamar oportunista à História e à Ciência que estão em constante movimento de ideias. Que atribua essas palavras ao nosso líder, isso é que não. A escritora recomenda-nos a leitura de Amílcar Cabral, chegando ao descaramento de nos enviar as fotocópias das referidas páginas. Nós agradecemos e retribuimos essas recomendações porque a nossa leitora precisa muito mais de ler Cabral. E podemos assegurar a nossa correspondente que as recomendações do Seminário sobre o crioulo se situam justamente na linha de pensamento cultural defendida pelo fundador da nossa nacionalidade.

Agradecemos ainda as lições de linguística que pretendeu dar, mas talvez seja melhor guardá-las para os seus alunos da «Alliança Française», onde é professora.

Para terminar e após estas considerações é caso para perguntar quem é demagógico e oportunista? O crioulo suscita polémica! Atrás destas contestações, quem sabe... talvez se esconda um cerco reaccionarismo.



Uma imagem frequente? — Junto ao mercado viajantes, aguardam impacientes a chegada de candongas e do autocarro da Siló Diata

## Cacheu de ontem e de hoje

# A resistência popular e a origem do crioulo

Do reino manjaco de Chapala, em meados do último quartel do século XVI (1588), passando por guerras contra a ocupação colonial portuguesa no séc. XVII e pelo período de evangelização cristã, até aos nossos dias, a vila de Cacheu foi, ao mesmo tempo, o maior centro de implantação da «civilização ocidental» na Guiné e aquele que gerou o nosso património linguístico actual — o crioulo.

Ontem, primeira capital da «Guiné portuguesa» (antes de o território ter o estatuto de um Governo Provincial que viria a ser instalado em Bolama), e hoje a sede do Comité de Estado da região administrativa, foi em Cacheu que se deu o aparecimento do crioulo, que hoje nos une em todo o país, desde Sucudjá a Cacine e de Caravela a Bruntuma.

Da rodoviária principal ao porto, estende-se uma longa avenida não arborizada. Uma povoação de escassas centenas de casas de telha, zinco e de palhotas dos bairros de Murcunda e Ribada, alberga cerca de três mil habitantes.

Da primeira curva ao porto fluvial, e de lá ao pequeno castelo que servia de fortaleza às forças portuguesas, vários coqueiros emolduram o panorama da vila e das casas envelhecidas. A cidadezinha moderniza-se aos poucos. Mais de meia dúzia de casas estão a ser construídas ao longo da avenida principal, algumas das quais se destinam a funcionários de departamentos estatais no local e outra à futura empresa mista de pesca guineense-francesa.

A reparação dos prédios dos Comités de Estado da Região e o do Sector, está em curso. Hoje, a sede do Comité de Estado da região de

Cacheu é um palácio modernizado, nascido da transformação de um antigo cárcere, no interior do qual muitos patriotas resistiram, sofreram e morreram às garras do colonialismo repressor.

Para um visitante, o ambiente da vila é monótono e estafante, à primeira vista, sobretudo ao princípio da noite, em que já não se vêem pessoas nas ruas, senão aos grupinhos em casas ou crianças brincando à «cabras cega» na tabanca. Para o período do dia, o facto deve-se às ocupações dos moradores no campo e em outras tarefas um pouco afastadas do centro. E, à noite, o ambiente apagado deve-se à falta de locais de diversão (cinemas e teatros), o que levou os jovens estudantes a ensaiarem já algumas peças.

Junto ao mercado, viajantes (alguns provenientes da outra margem do rio, e até mesmo do Senegal) aguardam impacientes a chegada das «candongas» e do autocarro da «Siló Diata». Dezenas de crianças, homens e mulheres, entram e saem do mercado, no interior do qual vozes de clientes se misturam ao chapinhar de machados e catanas sobre fardos de carne de caça. Não há muita comercialização de gado no matadouro. Para o pescado não há queixas.

Em frente, ao atravessar o largo, fica um modesto bar — talvez o mais procurado, senão o único, no centro da vila, onde a cerveja, à noite, domina a atenção da clientela.

O porto teria condições de receber barcos de média tonelagem, se fosse reparado e liberto do assoreamento. No estado em que está, apenas duas embarcações de passageiros, duas vedetas de urgência e meia dúzia de ca-

noas ilustram o seu panorama. Alí perto, dois barcos de guerra inutilizados (canhoneiras), deixados pela Armada Portuguesa, emergem da calma das águas, sem quebrar a paz que reina na zona. Porque não aproveitar as sucatas para adquirir uma nova embarcação?

### HISTÓRIA: A RESISTÊNCIA CONTRA A OCUPAÇÃO

O povo da Guiné-Bissau ainda não conhece a verdadeira história da resistência popular à penetração colonial no nosso território. Urge, portanto, fomentar o estudo e divulgação dos factos e feitos heróicos de um povo que nessa altura, não organizado, mas munido de material rudimentar, conseguiu exaustivamente levar de vencida, ao longo das gerações, um exército equipado. Foi alí que perdeu a vida o primeiro «descobridor» português da Guiné, Nuno Tristão. As populações não desmoreceram ao longo das épocas de combate armado e de resistência, que veria a culminar com a determinação da geração de Cabral. Aqui ficam alguns extractos históricos fornecidos em Cacheu, sobre a fixação colonial a partir daí.

Cacheu começou a formar-se nos anos de 1588, com uma feitoria em Canda, um pouco afastado da foz do rio. A feitoria era administrada por um feitor, a quem o rei da terra, chamado Chapala, autorizou a construir um forte.

Ao fim de pouco tempo, houve um desaguiado, e Chapala invadiu o forte. Apesar de não ter conseguido nada, por causa da resistência da artilharia dos portugueses, estes foram obrigados a pedir paz e, a partir daí, resolveram criar uma po-

vuação separada para os brancos, que se foi alargando à integração de indivíduos que iam sendo baptizados e considerados cristãos.

Nos anos de 1600, foi nomeado um primeiro Capitão-Mor de Cacheu natural da ilha da Madeira, casado com uma mulher de Cabo Verde. Ele trouxe para Cacheu uma companhia de infantaria composta de escravos de gente por ele contrada em Santiago.

A povoação foi fortificada por esse capitão. Sessenta anos depois, a resistência popular rebela, e o rei mete fogo àquela povoação, cujas casas e capelinha eram ainda de adobe e palha. A evangelização propriamente dita teve mais incidência nos anos 1663, com a vinda de sacerdotes chefiados por Frei André de Faró.

Novos ataques são lançados pelos nativos contra a grande envergadura de 1680 e, em 1690, a primeira companhia de Cacheu, que tinha o monopólio de comércio e encarregava do pagamento dos empregados civis e eclesiásticos, deu lugar à Companhia de Cacheu Cabo Verde.

A partir dessa altura a povoação modificou bastante com a reconstrução da fortaleza e o porto passou a ser movimentado com o comércio de cera, ouro e, sobretudo, de escravos. Os escravos vendidos, ou eram presos pelos portugueses durante as guerras com os nativos, ou eram prisioneiros de uma etnia durante guerras que os portugueses instigavam contra etnias outras vizinhas e que depois compravam aos vencedores.

Muito depois, a partir de 1913, os naturais, minados cada vez n-

Continua na Pág. 7

## Um escritor soviético em Bissau

## A literatura deve servir o povo e acompanhar etapas de luta

-Ficret Godja, ao "Nô Pintcha"

nalidade Guineense e Cabo-verdeana.

«Este tipo de temas não é uma coisa estranha para mim, até porque já fiz vários poemas sobre figuras destacadas do movimento de libertação dos povos em luta. São exemplos claros disso, os poemas sobre o Comandante Che Guevara e o cantor chileno Víctor Hara» — citou ele.

O trabalho literário sobre o grande lutador anti-imperialista da América Latina, Che Guevara, foi publicado em 1975, numa revista popular soviética «O Mundo Novo», nas línguas russa e do Azerbadjam. Sobre o cantor revolucionário chileno, assassinado pela junta facista de Pinochet, Víctor Hara, também foram publicados poemas na URSS, de autoria do escritor Ficret Godja, nosso interlocutor nesta entrevista. Ele também publicou alguns escritos, literários sobre a juventude e o povo vietnamitas, retratando a epopeia da sua luta vitoriosa. O trabalho que virá fazer sobre Amílcar Cabral, será a última parte de um ciclo de autoria deste escritor.

O seu contacto directo com jornalistas, poetas e personalidades da literatura guineense, permitir-lhe-á, segundo disse, conhecer de perto o nível de desenvolvimento literário no nosso país. Ele conta igualmente divulgar textos sobre a realidade do povo da Guiné-Bissau.

## POESIAS DE ACÇÃO NA REVOLUÇÃO AFRICANA

Abordado pelo «N. P.» para falar sobre a divulgação da literatura africana de expressão portuguesa na União Soviética, o camarada Ficret assegurou que o público do seu país já tem conhecimento de várias obras revolucionárias entre as quais, as do poeta e líder angolano, Agostinho Neto.

A literatura guineense ainda não é conhecida nos meios sociais soviéticos, pelo que, Ficret considera esta sua vinda e a de outros escritores, soviéticos que por aqui já passaram, uma forma de fazer conhecer ao povo da URSS o nosso trabalho nesse domínio.

Daquilo que já conhece sobre a literatura nos

países africanos de expressão portuguesa, recém-independentes, que poetas aprecia? — perguntámos-lhe Ficret Godja respondeu:

«O valor literário destes novos países africanos, emergentes de uma luta comum contra o colonialismo português, enquadra-se fundamentalmente num espírito de acção revolucionária. Eu estimo essas poesias porque não se limitam ao sentimentalismo amoroso, como muitos poetas fazem».

«São poesias que denunciam a opressão, enquanto países dominados, cantam vitórias do povo e exprimem a liquidação do mal do passado que persiste na vida dos povos, para fazer renascer uma nova vida para os seus povos e a Humanidade em geral».

Aquele embaixador da literatura soviética, que é membro da União de Escritores, prosseguiu sublinhando que, na sua opinião pessoal, está contra poesias que desviem a atenção do povo. Refere os poemas românticos que, apesar de não serem

maus, não ajudam, a desenvolver a acção de cada momento, quando deviam pôr os problemas da sociedade, no primeiro plano das atenções».

No final da nossa conversa, o visitante escritor da Azerbadjam, foi convidado a situar, em traços largos, o papel da literatura soviética no processo irreversível de desenvolvimento da revolução socialista de Outubro. Segundo ele, a literatura soviética, desde o seu surgimento, sempre esteve ao lado das massas.

Referindo-se ao momento actual, acentuou que ela deve seguir o espírito do tempo, acompanhando as etapas de luta em cada momento retratar as façanhas obreras do povo.

«É o medo de perder este espírito de tempo que obriga os escritores soviéticos a recorrerem às investigações actuais nos mais recônditos cantos da URSS e de outros países do mundo, a fim de trazerem novas realidades ao público e acompanhar o processo da revolução. Eles têm, nesta óptica, o papel educador das massas» — concluiu.



Capital de Azerbadjam — cidade de Bacú

«A literatura deve estar ao serviço do povo e acompanhar cada etapa da revolução, de forma a não perder-se no tempo e na história» afirmou o escritor soviético da República Socialista da Azerbadjam, camarada Ficret Godja, em declarações prestadas ao «Nô Pintcha», em Bissau.

Ficret Godja, que se

encontra no nosso país desde o dia 4 do mês em curso, e deverá permanecer até ao dia 18, veio propositadamente recolher material que lhe fosse possível, depois, escrever poemas e obras literárias sobre a figura e o pensamento revolucionário do glorioso filho da África, camarada Amílcar Cabral, fundador de Nacio-

## Petróleo provoca suicídio de baleias

Mais de 175 baleias, medindo a maior parte mais de 7,50 metros de comprimento, arrojaram-se sobre a costa rochosa da Terra Nova, perto da aldeia de ponta de Gaul, frente às ilhas francesas de São Pedro e Miquelon.

Os grandes cetáceos morreram malgrado os esforços de várias dezenas de salvadores que tentaram, apesar de um mar muito forte rebocá-las para águas mais profundas. Mais de 250 mamíferos foram detectados na zona e todos parecem participar naquilo a que alguns chamam um suicídio colectivo.

Os peritos do ministério canadiano das pescas não podem, até ao momento, dar nenhuma explicação desta estranha atitude das baleias. Certos pescadores da região calculam, no entanto, que elas poderiam ter sofrido lesões nos olhos e no sistema respiratório ao chocar com toalhas de petróleo bruto nas profundidades marinhas.

Com efeito, no Inverno passado um petroleiro, «Kurdistan», partiu-se em dois nesta região e uma grande parte da sua carga encontra-se aglomerada, sob o efeito da água fria, nos fundos da Terra Nova. Os pescadores afirmam ter retirado por várias vezes das suas redes impregnadas de petróleo.

## As crianças de Soweto

A ilha-prisão sul-africana de Robben para elementos «particularmente perigosos», encontra-se a três quilómetros da Cidade do Cabo. Os seus prisioneiros são africanos negros, detidos ao abrigo das «leis de segurança», por terem ousado opôr-se à situação de discriminação em que se encontra a população autóctone do país. Mas Robben-Island é também local em que se encontram presos velhos, mulheres e crianças.

«Sim, na ilha de Robben há crianças e o que é que isso tem?» — pergunta certa vez, espantado, o Ministro da Justiça, da Polícia e das Prisões, James Kruger, ao intervir no parlamento.

A situação das crianças negras na África do Sul é dramática. Cerca de 80 mil morrem por ano, devido à falta de assistência. Com efeito as crianças negras têm 13 vezes mais probabilidades de morrerem do que as brancas.

O regime de «apartheid» persegue severamente os seus adversários políticos, sem distinção da idade. A única excepção que os governantes brancos da RSA fazem para as crianças negras, consiste em que se procura aniquilar estes «inimi-

gos potenciais» antes que se tornem suficientemente adultos para participarem conscientemente na luta do seu povo contra o racismo e o «apartheid». Neste caso, em lugar das pistolas-metralhadoras e algemas lançam mão da fome, das doenças e da miséria.

No meio da sujidade do lixo e de esgotos, na terra batida das estreitas ruelas dos «compounds» brincam pequenas figuras de crianças negras. Não se queixam de que são obrigadas a brincarem na poeira sob escaldantes raios de sol, desde a infância aceitam, como se fosse normal, a miséria, a constante sensação de fome e a irritação dos pais, atormentados com as dificuldades que enfrentam. As crianças não tem com que se espantar, pois nasceram em Soweto, cidade satélite de Joanesburgo, enorme reserva para 150 mil operários africanos desprovidos de direitos.

## NOS GHETTOS

Em 1932, os governantes de Pretória decidiram criar a 18 milhas de Joanesburgo uma nova «aldeia de aborígenes» — fonte inesgotável de mão-de-obra barata para prestar serviços comunais à cida-

de e assegurar o conforto dos seus habitantes brancos. Em pouco tempo foi construída a aldeia albergue, constituída de casa-barracas de tijolos e betão, espalhados a esmo sem quaisquer preocupações com a iluminação, canalização de água e os esgotos.

A partir de então poucas foram as mudanças que se operaram em Soweto. E mesmo aquelas poucas mudanças foram para o pior. A população da cidade continua a crescer, sendo necessárias, com urgência, 40 a 50 mil casas novas. As autoridades nem pensam em conceder verbas para este fim.

Dificilmente os moradores de Soweto saberão o que é um jardim-de-infância ou creche. São poucos também os que conhecem a escola. Ingressar na escola é um problema quase insolúvel, porque, regra geral, as crianças são obrigadas a deixar os estudos para trabalhar. Além do mais, as classes em Soweto são todas maiores do que deveriam ser. Em barracas cobertas de feno, sentadas no chão, ouvem as explicações do professor, simultaneamente, sessenta alunos.

Em 16 de Junho de

1976, em sinal de protesto contra a situação, de mil estudantes negros saíram para as ruas de Soweto. A sua única armagem eram os cartazes exigindo que lhes fossem concedidas condições humanas de vida e de estudos normais.

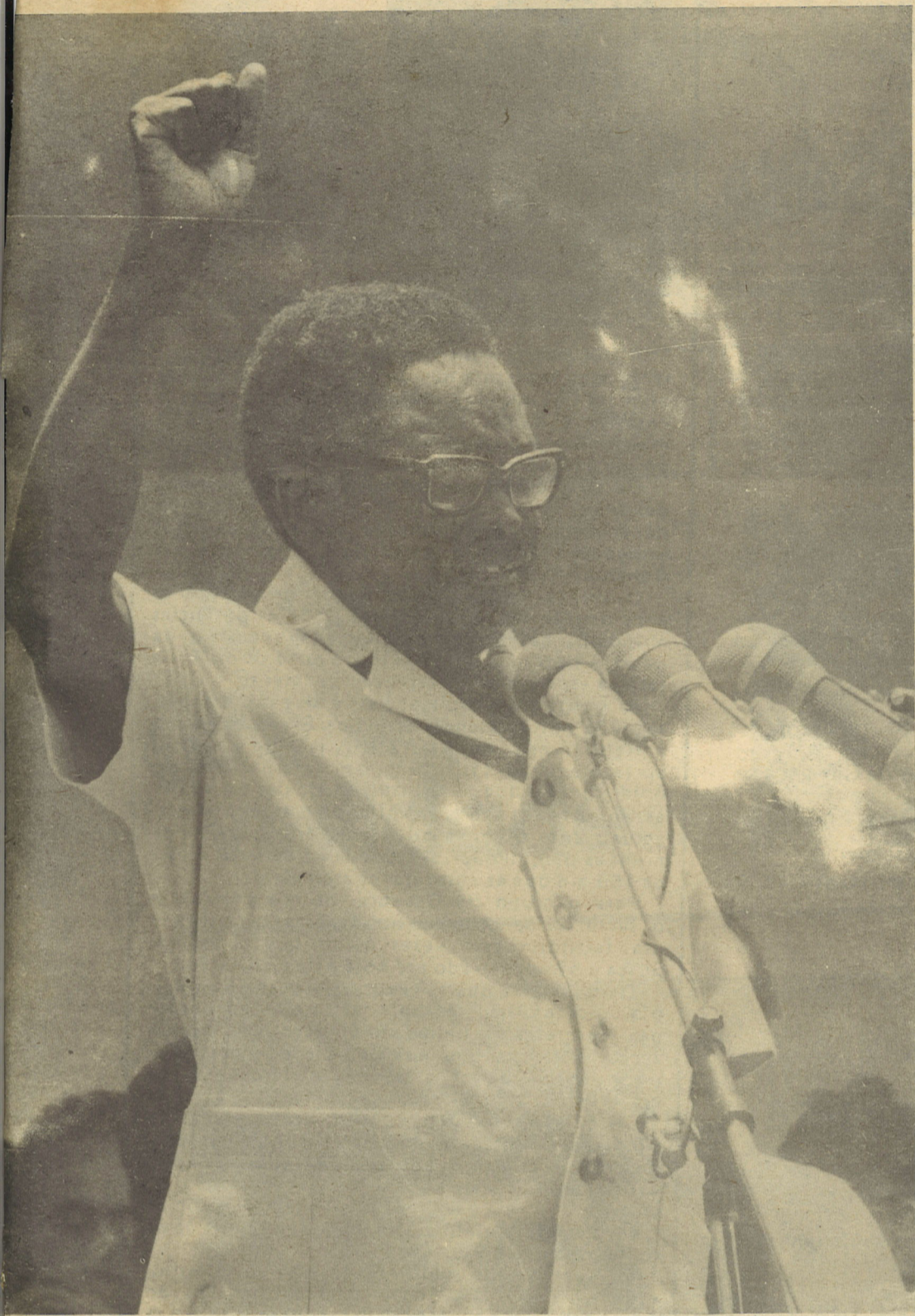
No entanto, a polícia abriu fogo. Trezentos velhos, armados até aos dentes, apontaram as suas pistolas-metralhadoras contra a multidão de crianças e adolescentes. «Era inútil atirar para o ar» — declarou mais tarde um dos oficiais da polícia que comandou o massacre da manifestação de crianças. O ministro Kruger que deu a ordem para a dispersão dos manifestantes a tiro acrescentou cinicamente «os rebeldes devem saber que quando os polícia puxam das armas, a única coisa que devem fazer é fugir, e o mais rápido possível».

A primeira vítima do massacre foi Heitor Peterson, de 13 anos. Morreu em consequência de numerosas feridas a caminho do hospital. No total, em Junho de 1976 morreram vítimas dos polícia, em Soweto, 46 pessoas, sendo a maioria delas crianças e estudantes. (Novosti)

# Saúdo-te, Poeta!

Como chorarão os rios a nascente do teu corpo  
Poeta! Se hoje  
As montanhas explodem nos calcanhares do teu povo  
Que avança  
Pela aurora que nasce nos teus olhos secos.  
E se o sangue de África e o coração da terra  
Não cabem, Neto  
Na árvore sólida da tua morte  
Os olhos de África e o rosto do mundo  
Não caberão, Poeta  
No tambor do teu silêncio  
És a força que ergue a África entre tambores.  
E aqui e além  
Das espingardas e árvores de voz engatilhadas  
As províncias vêm de Benu até à boca do povo  
Que juram com Setembro no céu da boca.  
A seiva do teu sangue será, Poeta  
Dezassete vezes maior que o teu sonho.  
E crânio a crânio  
O sol entre as árvores  
comove o aço de tal silêncio  
E os canhões passam  
olho a olho rodando de mão blindada no coração.  
Neto,  
Há caminhos que a morte não ousa  
E a vida não canta  
Mas que o povo percorre com pés de séculos  
Pelas rugas  
Que o poeta rasga no rosto da terra.  
E pelo sal desta boca  
Te saúdo Poeta  
Ao ocidente desta língua que tu amas  
Saúdo-te Poeta  
Com a nascente que brota da árvore do teu corpo  
E leva a esperança do rio  
À paz de um mundo sem trincheiras  
Saúdo-te, Poeta  
Com o pão azimo do meu povo a Sotavento  
E com a força de quem luta  
Com a África na curva do teu braço.

Corsino Fortes



## Saúdo-te Poeta camarada Neto

«Saúdo-te, Poeta: as montanhas explodem nos calcanhares do teu povo, que avança pela aurora que nasce nos teus olhos secos».

Assim falou, de e para Agostinho Neto, o camarada Corsino Fortes, embaixador de Cabo Verde em Lisboa e também um poeta, dos melhores que usam a língua portuguesa, nos dias de hoje) na sessão de homenagem ao saudoso camarada Presidente do MPLA, organizada pelo Partido Socialista no passado dia dois, na capital portuguesa.

Corsino Fortes leu um texto da sua autoria sobre Agostinho Neto e disse um poema «de olhos secos» como queria Neto, um poema de sangue, de sol e de terra. São dois textos de uma beleza exemplar, de um significado político a reter na hora do desaparecimento do grande líder angolano.

Publicamo-los com a devida vénia ao «Diário de Lisboa», que os divulgou e ao camarada Corsino Fortes, que, como Neto, é um daqueles africanos que «despletaram a sílaba portuguesa do seu peso de pólvora e oprimos e lhe apagaram «a cicatriz fascista»:

## CAMARADA NETO, POETA!

«Poeta:

«A força de África ergeu na alavanca do teu ombro o ombro do homem à dignidade da sua história.

Tu pertences, Neto, à estatura dos homens que sabem como é que a terra se transforma em fogo, como é que o mundo se transforma em carne, em espí-

rito, para a construção de uma sociedade nova, sem exploração do homem pelo homem».

«Sabemos, Neto, pela dor muscular do teu poema, que as tuas mãos colocaram pedra nova nos alicerces do mundo, para que a África fosse cada vez mais livre e Angola fosse cada vez mais África; para que a África fosse cada vez mais mundo e o mundo fosse cada vez mais homem».

«Neto, tu, que permaneces actuante e vivo na seiva da terra angolana e no sangue do povo angolano, és hoje, como Amílcar Cabral, o filho dilecto de todas as causas justas».

«Foste sempre a bandeira de repúdio contra todas as formas de sujeição do homem pelo homem».

«Foste sempre o baluarte da luta contra o apartheid, o imperialismo, e o sionismo. Estendeste sempre a tua mão militante ao povo irmão de Timor Leste, dirigido pela Fretilin».

«Foste a força persuasória e combativa dos países da Linha da Frente, e hoje, a liberdade do teu nome escreve-se, para além de todos os continentes, com a livre chama da vitória certa».

«Como poeta escreveste na tua carne de homem o mais revolucionário dos poemas: Erguer do pó a consciência libertária de uma Nação em marcha. Dar à terra a voz do povo e ao povo a voz da Pátria».

«Camarada Neto, para além de todas as celebra-

ções ao teu humanismo, aqui ou além, nesta ou noutra parte do mundo, onde a tua viva memória irmana os homens sob a mesma telha e sob a mesma lâmpada, tem para nós exemplar significância celebrar o teu nome quer em Angola, tua terra natal, onde forjaste o teu espírito de luta, quer em Cabo Verde, que amaste como uma segunda pátria, quer em Portugal, onde humanizaste a língua dos teus poemas».

«Angolanamente despoletaste a sílaba portuguesa do seu peso de pólvora e opressão; libertaste o pão da palavra da casca da colónia e cicatriz fascista; e trouxeste ao solo da língua um novo amor, dando-lhe a dimensão histórica de um país sem fronteira».

«Amigos e camaradas: caminhemos um pouco, no tempo e no espaço, de Outubro para Setembro, isto é do corpo do mundo para o rosto de Luanda. Para que vejamos e para que vejas, Neto, como o povo flutua na bandeira do teu rosto e sobre o choro destas ruas que são rios e a dor que pernoita na for das avenidas erguerá para sempre Luanda a pedra deste grito na tua voz de grãoito».

## Cacheu de ontem e de hoje A resistência popular e a origem do crioulo

(Cont. das Centrais)

pela força dos ocupantes, começaram abandonar Cacheu, que foi perdendo o seu antigo valor. Cantchungo passou então a ser a povoação comercial e a sede da divisão administrativa da região, durante a ocupação colonial.

### CACHEU TERÁ SIDO O BERÇO DO NOSSO CRIOULO?

É vulgar afirmar-se que crioulo da Guiné-Bissau teria surgido de Cacheu ou do Geba (os primeiros pontos de fixação e de comércio português), vindo a ser mais tarde expandida por Bolama (antigamente conhecida por Bambaia) e outros pontos do país.

Naturalmente, não dispomos ainda de elementos comprovativos de cada uma dessas duas teses, mas certas particularidades nos levam a adiantar que teria sido Cacheu um dos possíveis berços do

Património linguístico que é o crioulo.

Isso, se recordarmos ter sido o principal centro de movimentações comerciais com o exterior, nos primeiros anos de ocupação colonial, e um dos primeiros portos de tráfico de escravos para as Américas e Europa. Cabo Verde era a ponte naval de ligação, onde eram guardados os escravos.

É ilustrativa a passagem do historial que acima fizemos, na qual o capitão-mor enviado para Cacheu, em 1600, tinha na sua companhia de infantaria escravos e gentes por ele contratada em Santiago. Assim, a origem poderá ter sido caboverdeana sendo, no decorrer dos tempos, cada vez mais enriquecido com expressões autóctones extraídas das línguas nacionais da Guiné, o que justifica a sua disparidade em relação ao crioulo de Cabo Verde, nos nossos dias.



## Para saudar Alda Espírito Santo

Paul Eluard e de Aragon conservavam ainda nos nossos lábios, o sabor fervente da clandestinidade.

Não foi por acaso que os organizadores do *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, retiveram a composição «Lá no Água grande», onde surpreendem a naturalidade e a delicada ternura que singularizam a poesia de Alda Espírito Santo.

E os gemidos cantados das negritas lá do rio  
Ficam mudos lá na hora do regresso  
Jazem quedos no regresso para a roça.

Depois, o sangue dos contratados no inferno das roças penetrou nas veias da nossa revolta. São Tomé tornou-se Pátria sagrada de todos os nacionalistas.

Entre as coordenadas de protesto e luta viveram os teus versos:

Contigo, em Batepá e no mar de Fernão Dias  
cimentámos as nossas certezas, na vingança dos  
homens tombados a 5 de Fevereiro.

Contigo, acompanhámos o corpo de Giovanni à sepultura do colonialismo.

Hoje, aqui contigo de coração em África, na Pátria de Cabral; saudamos o renascimento da Ilha Verde, na encruzilhada das rotas da imensa sinfonia humana.

Mário de Andrade.

Aos 17 dias de Outubro de 1979.

Decorriam os anos de intensa procura de identidade, no rescaldo da grande tormenta da II.ª Guerra Mundial. Um punhado de jovens na capital então fascista da pequena casa lusitana afinava as suas vozes pelo timbre da reafirmação dos espíritos. A geração do Cabral assumia timidamente as responsabilidades do seu tempo. Entre os poetas emergentes, Alda erguia o seu «longo canto de punhos cerrados».

Não é por acaso que uma das suas primeiras poesias se inscreve numa página, já amarelecida, do livro de curso daquele que viria a ser o líder imortal do PAIGC:

O ideal é sorriso de vida  
é rasgar de sonhos  
é viver

Chegavam-nos, pelas mãos dos embarcadiços, os vigorosos trechos de Jorge e os gritos líricos de Nicolas. E irmanados nas mesmas esperanças, os poemas de

## Estrela de África

Um dia já lá vão muitos anos...  
Eu no balbuciar da vida...  
Tu, mais adulto, Luís  
Mas desconhecedor das riquezas do nosso continente  
Pois os horizontes eram densos e obscuros  
Nada conhecíamos sobre a África milenária...  
Tu sonhavas um porvir para o teu povo  
Mas partias do zero, da incógnita do futuro...  
Tu disseste eu lembro bem...  
«Somos um povo sem história,  
Sem filosofia própria...  
Tudo temos de construir...»  
Anos volvidos, tu já não estavas presente junto de nós...  
A tua vitalidade, o amor imenso pela tua Terra  
A mensagem a transmitir pela tua vontade criadora  
Tinha sido vencido pela morte cruel  
No silêncio imenso da vida tombada...  
E paradoxalmente descortinava-se diante de nós  
A possibilidade de conhecermos as nossas lendas  
A filosofia do nosso povo

## Três de Fevereiro de 1976

Massacre de 53 em S. Tomé  
nunca mais, nunca mais, terra liberta,  
Consentiremos o extermínio do povo soberano  
*Non na cá pô chunchitxi 53 bilá bi fá*  
*53 ca quêcê non pá non pô lemblé\**

Na madrugada sangrenta de 3 de Fevereiro  
Pontes, trabalhador rural  
Foi colhido à entrada da vila da Trindade  
De costas, camaradas  
«De costas, camaradas»,  
Na linguagem covarde  
dos poltrões e traidores.  
*Non na cá pô chunchitxi 53 bilá bi fá.*  
Camarada Pontes, tombando à entrada da Vila.  
Teu sangue regou a terra mártir  
E os frutos brotaram fecundos  
No sacrifício dos verdadeiros heróis de 53

\* Jamais consentiremos novo 53 e por isso  
não o esqueceremos



## Denunciada a extinção dos índios brasileiros

A população índia brasileira vai desaparecer, lenta mas seguramente, do Amazonas. O grande pulmão do mundo, extingui-se-á também e o desastre é duplo, porque a Humanidade ficará mais pobre e o globo sofrerá de um descontrolo no seu equilíbrio ecológico.

Os dois problemas interligam-se segundo uma denúncia feita pelo AMAZIND, um centro de documentação e informação sobre os assuntos indígenas na região amazônica, com sede em Genebra.

O avanço económico do Brasil, preparando-se para ocupar um lugar cimeiro entre as potências mundiais, passará pela exploração exaustiva da Bacia Amazônica, onde as madeiras e os minerais estão à espera que os recolhem facilmente.

À frente dos «bulldozers» e das minerações, seguirão por acréscimo os índios. Segundo afirma o René Fuerst, do AMAZIND, já num relatório apresentado ao 41.º Congresso Internacional de Americanistas que se realizou no México em 1974, as várias tribos étnicas de índios brasileiros serão actualmente 50 mil indivíduos distribuídos por milhões de quilómetros quadrados de selva, e não os 150 mil que as autoridades anunciam.

Para o grupo de Genebra, há que considerar o facto de se observar um fenómeno restrito e um território cem vezes maior que a própria Suíça e não penetrado até hoje pela civilização.

Os massacres que se registaram desde o princípio do século não são hoje factor a ter em conta: pelo contrário, os índios são dizimados pela civilização. Esta leva-lhes epidemias e doenças venéreas, tira-lhes terras e dá-lhes a descoberta da mendicidade e da prostituição.

Desde a meio século, as instituições criadas no Brasil para protecção do nativo do Amazonas — primeiro o serviço de protecção do índio e depois a Fundação Nacional do Índio — provaram que, pior do que os massacres, a catástrofe etnológica é devido à falta de meios e verdadeira política de preservação da população indígena.

O «extermínio por negligência» é comprovado — diz o AMAZIND — pela constatação do sucedido à tribo Nambikuara: descoberta em 1907, tinha vinte mil indivíduos e hoje conta com quinhentos, dentre os mais pobres do país.

Um especialista dos problemas da população nativa amazônica, o suíço Alfred Metraux, dizia já em 1960 que os culpados da extinção do índio não são os encarregados da sua protecção mas sim «os plantadores de borracha e coco, os mercadores que destes se aproveitam, e depois as autoridades que concordam com a extinção da população nativa. O serviço de protecção ao índio viu-se limitado à sua pacificação, sem se preocupar com o que aconteceria à população que lhe estava confiada».

Diz Fuerst que após a criação de FUNAI em 1969 e com o gigantesco passo de desenvolvimento económico do Brasil que se lhe seguiu, foram invadidos territórios até então inacessíveis. Sendo estas regiões os últimos refúgios do índio, «a conclusão de cinco séculos de perseguição e opressão impiedosa vai dar-se por toda a parte ao mesmo tempo».

## Nobel da Literatura para Elytis

Poeta resistente contra o nazismo, combatendo na Albânia durante a Segunda Guerra Mundial, exilado em Paris enquanto durou na Grécia a «ditadura dos coronéis», Odysseus Elytis um grego de 68 anos, foi galardoado ontem com o Prémio Nobel de 1979 pela Academia Sueca pela «sua poesia que, enraizada na tradição grega, põe em cena com uma sensualidade poderosa e uma inteligência lúcida a luta de um homem pela liberdade

de e pela actividade criadora».

Nascido em 1911 na ilha de Creta, Odysseus Elytis (pseudónimo de Odisseus Alepudhelis) pertence a uma família de fabricantes de sabões e teria mudado o seu nome precisamente para evitar associações com a família.

Foi nos primeiros anos da sua actividade poética profundamente influenciado pelo surrealismo.

Começou a publicar algumas obras em 1935 na revista «Nea Grammata» («textos novos»). De 1936 a 1937 apareceram colectâneas intituladas «Prosanatolismoi» («Orientações»), ou «Helios Ho Protos» e («O Sol Primeiro») e depois, fruto da sua experiência dolorosa e pessoal da guerra, que o marcaria profundamente, «O Cântico Heroico e Elegíaco para o port estandarte caído durante a campanha de Albânia».

De 1948 a 1952 viveu em Paris e viajou. Contactou com Andre Breton, Paul Eluard, René Char ou Henri Michaux. Fez aparecer em 1958 uma obra começada em 1948, a sua obra primordial: «To Axion Esti» (Ele é digno...). Este ciclo poético cujas primeiras palavras são extraídas da liturgia ortodoxa grega está traduzido em várias línguas, coroado em 1960 com o Prémio Nacional Grego de Poesia.

Esta obra foi posta em música pelo compositor grego Mikis Teodorakis em 1964.

Entre as suas obras mais recentes, algumas das quais foram ilustradas pelo próprio autor ou pelos seus amigos Matisse e Picasso, figuram «Ho Helios Heliatoras» (Sol dos Sóis) e «O Monograma» em 1971; uma colectânea de ensaios, «Anichta Chartia» («Cartas na Mesa»), em 1974; e «Maria Nefele» em 1979.

O pseudónimo adoptado, Elytis, deve reflectir, segundo a sua própria análise, uma série de conceitos do pensamento grego como o nome da Grécia (Ellas), a Esperança (Elpida), a Liberdade (Eleftheria) ou Elena, o nome da mulher simbolizando a beleza e o encanto.

Desde a criação do Prémio Nobel em 1901, a Academia Sueca coroou além de Elytis um outro poeta grego (em 1963) — Georges Seferis.